

A singularidade de *La La Land* através dos elementos narrativos¹

Isadora Maria do Espírito Santo²
Quézia Alessandra Cidade Araújo³
Giulia Andrade de Moura Santos⁴
Raiana Silva Oliveira⁵

Thales Barreto dos Santos⁶
Vitória Cecília Ferreira Santos⁷
Betânia Maria Vilas Boas Barreto⁸
Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar a sequência final do filme musical *La La Land* - Cantando Estações (2016) de Damien Chazelle à luz dos aspectos da *mise-en-scene* (Bordwell e Thompson, 2013; Vanoye e Goliot-Lété, 1992) e da montagem (Eisenstein, 2002; Amiel, 2010). Refletimos acerca de como os elementos postos em cena como cenário, figurino, iluminação e encenação conversam com as convenções de montagem para que o trabalho se transformasse no mais coeso e relevante possível para estudos recorrentes. É uma análise videográfica de uma sequência de nove minutos e trinta segundos em que expomos as singularidades que revelam a visão complementar entre os elementos na construção narrativa. Por isso, percebemos que cada componente posto em cena se conectam resultando em uma estruturação coesa e relevante.

Palavras-chave: cinema; gênero musical; montagem; *mise-en-scene*; *La La Land*

Introdução

A análise fílmica requer criticidade, contexto e comprometimento ao examinar os detalhes que o filme carrega. “[...] analisar um filme não é mais vê-lo, é revê-lo e,

¹ Trabalho apresentado para o GT Audiovisual e Mídias Sonoras componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bacharela em Comunicação Social (RTI), pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). E-mail: isadoramariaes@gmail.com

³ Bacharela em Comunicação Social (RTI), pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). E-mail: quezialessandra89@gmail.com

⁴ Bacharela em Comunicação Social (RTI), pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). E-mail: giulia.a.mouras@gmail.com

⁵ Bacharela em Comunicação Social (RTI), pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). E-mail: raianane2001@gmail.com

⁶ Bacharel em Comunicação Social (RTI), pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). E-mail: thalesbarreto1989@gmail.com

⁷ Bacharela em Comunicação Social (RTI), pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). E-mail: vitoriaceciliaoficial@gmail.com

⁸ Orientadora do trabalho. Docente do Curso de Comunicação Social (RTI), da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: bmvbbarreto@uesc.br

mais ainda, examiná-lo tecnicamente.” (Vanoye e Goliot-Lété 1992, p. 12). *La La Land* - Cantando Estações é um filme musical (129 minutos) de 2016 dirigido por Damien Chazelle, tendo como diretor de fotografia Linus Sandgren e montagem na responsabilidade de Tom Cross. O longa conta a história de dois aspirantes a artistas, Mia e Sebastian, que se apaixonam em meio a busca do reconhecimento na indústria e consolidação da carreira.

O conteúdo analisado trata-se da sequência final do musical (nove minutos e trinta segundos), na qual Mia e Sebastian se reencontram depois de cinco anos após a separação. Ela agora uma atriz prestigiada e bem sucedida na carreira, casada e mãe de uma menina. Ele finalmente um músico de sucesso e dono do seu próprio clube de jazz (*Seb's*) que tanto sonhava em abrir. Essa sequência nos leva à uma realidade criada por Mia, em que ela e Sebastian conquistam seus sonhos individuais de forma mais leve, tranquila, sem pressões e principalmente a uma vida sem obstáculos que os impedissem de construir uma vida juntos como casal. Assim, esta é uma análise que contempla as áreas de relevância nesse musical para o nosso estudo de *mise-en-scene*, compreendida como a organização dos elementos visuais no quadro, como cenário, figurino, iluminação e atuação (Bordwell e Thompson, 2013; Vanoye e Goliot-Lété, 1992), e montagem entendida como a junção e articulação dos planos, que, segundo Eisenstein (2002) e Amiel (2010), não apenas conecta imagens, mas também constrói sentidos, ritmos e emoções a partir das relações entre esses planos, dentro da esfera do audiovisual.

***Mise-en-scene* e montagem como elementos narrativos**

A sequência analisada apresenta elementos importantes em sua montagem como uso de ritmo, trilha sonora, *match cut*, composição visual e uma grande intensidade emocional. Ao analisar os quadros dessa sequência, observa-se o modo como a construção foi feita justamente para que o seu telespectador seja inserido em uma expectativa de como seria se Mia e Sebastian tivessem continuado juntos e como seria a vida de casados, na qual apresenta a montagem por correspondência que transita por momentos de elipses e métrica por existir a música final como guia dos momentos de transições de passagem de tempo durante a jornada imaginativa de Mia. Para Eisenstein (2002), a correspondência consiste em criar um impacto emocional nas cenas e

estabelecer uma conexão entre diferentes elementos da narrativa e com uma articulação de planos descontínua.

Nos primeiros takes da sequência, nos deparamos com um cenário construído para que os olhos do espectador sejam voltados para Mia e Sebastian, seja pela composição da *mise-en scene*, por meio dos objetos dispostos e iluminação que estão ali para nos contextualizar, mas que segundos depois desaparecem de forma sutil para dar mais ênfase somente aos dois. Encontramos todos com figurinos em tons neutros, num ambiente iluminado em uma meia luz, que no decorrer dos takes se apagam para dar destaque às expressões corporais dos nossos personagens. Por esse motivo, temos roupas que quase somem junto ao cenário, por serem escuras. A iluminação traz semelhanças com o teatro, contando com uma a luz direcionada que destaca o personagem do restante do cenário.

Segundo Bordwell e Thompson (2013, p. 218), “o cenário pode fornecer um fundo mais ou menos neutro, enquanto o figurino ajuda a destacar as personagens”. No entanto, nesse caso, todos os elementos da cena foram neutros, tendo destaque então feito apenas pela iluminação. Esse método permite com que a transição entre os takes seja fluida, numa espécie de dança, como desejava Chazelle. Dessa maneira, auxilia também na invisibilidade da transição entre um ambiente e outro. A mudança de cenário da realidade para a distinção temporal que ocorre na cabeça de Mia acontece de maneira sutil, quase que imperceptível.

Em contrapartida temos detalhes explícitos que nos mostram que houve uma mudança do real para o fictício. Esses detalhes são perceptíveis primeiro na escolha da trilha sonora, pois Sebastian escolhe tocar no piano a mesma música que atraiu Mia a entrar no restaurante no início do filme. Mas principalmente a transformação desse espaço temporal fica clara com a mudança do cenário, através das cores e iluminação, e a oscilação na expressão de Mia, na qual demonstra satisfação em rever Sebastian, em contraste com a angústia em seu semblante na cena real.

Por isso, a apresentação da *mise-en-scene* é na qual evidenciamos todo o conceito que interpretamos por trás das cores, iluminação, figurinos, cenários e encenação. “A *mise-en-scène* reflete tudo o que a câmera registra, isto é, significa colocar em cena, como já visto anteriormente, sendo, primeiramente, aplicado somente às peças de teatro.” (Silva, 2021, p. 30). Bordwell e Thompson (2013) afirmam que a maneira que os quatro elementos da *mise-en-scène* se comportam no quadro molda

diretamente como as ações dentro da narrativa serão compreendidas, ou seja, cria uma coesão entre a dinâmica dos personagens com os outros quesitos que compõem a cena, tornando assim um elemento apropriado no filme. Analisamos como o papel da mise-en-scene influencia de forma assertiva no enredo da última sequência em questão e como conversa muito bem com o restante da história.

[...] a mise-en-scène também participa levando os elementos da cena a interagir de forma crucial para o enredo da história, construindo uma relação de alternância entre o plano de fundo da cena, e também o que está diante da câmera. Por meio dessa integração, os modelos narrativos e temáticos, os quais o diretor busca construir, são ainda mais fortalecidos (Silva, 2021, p. 31).

Nesse contexto, discutimos também como foi a dinâmica de montagem, a maneira que foi pensada para que casasse com os elementos cênicos e que, principalmente, fizesse sentido quando tudo fosse posto em tela em conjunto. Para Eisenstein (2002), a elaboração de um filme não deve ser pensada apenas na existência de um plano contínuo ou apenas planos alternados, uma obra audiovisual tem que ser pensada como um todo, desde planos, significados, cores e etc.

Logo, notamos a montagem de *La La Land* como uma das suas características mais marcantes e distintivas no filme. O longa se utiliza da técnica tradicional de transição suave entre cenas por meio da coreografia e da música, em contrapartida incorpora elementos mais modernos, como a edição em cortes rápidos. Essa abordagem híbrida ajuda a equilibrar o tom nostálgico do filme com uma sensibilidade moderna, de maneira em que, regras de movimentação de câmera e construção em montagem são quebradas para uma alternância e licença poética do diretor. Segundo Murch (2005), uma boa montagem só ocorre quando existe a escolha de cortes com base na emoção ou no sentimento que se deseja transmitir. Isso pode ser visto em algumas cenas de *La La Land*, além da sequência final escolhida para nossa análise. Cenas em que o ritmo e a duração dos cortes são cuidadosamente escolhidos para criar um efeito emocional específico para o receptor.

***La La Land*: Cantando estações**

Em *La La Land* - Cantando Estações observamos as mudanças que ocorrem dentro da narrativa através da perspectiva das estações do ano. O filme inicia sua história no inverno com um número musical “*Another Day Of Sun*” cantada e coreografada pelas pessoas que estão presas no trânsito. E à medida que a história

avança acompanhamos as demais estações sendo pontos de partida que marcam os momentos que Mia e Sebastian vivenciam durante aquele ano inteiro.

Desse modo, a sequência escolhida para análise, é composta por cerca de vinte cenários ao longo dos quase dez minutos, e compila os acontecimentos que se passaram ao longo da narrativa como uma repetição dessas situações, no entanto momentos estes que são imaginados de uma forma positiva, feliz e que nos leva a crer que eles deram certo. O espectador é levado a imaginar juntamente com Mia toda essa realidade alternativa, em que passeamos por todas as estações novamente. Com início, meio e fim, toda a estrutura criada faz sempre referência ao andamento da relação dos personagens e em como essa história desenvolve um ciclo, tal qual as estações. E todas essas cenas trazem um conceito quase implícito do filme que é o de “sonhar a melhor versão da vida”.

Figura 1: Mosaico dos diversos cenários que compõem a sequência final analisada.



Fonte: <https://app.flim.ai/movie/tGwEy8exhOfMAhFcbGhs>

O primeiro inverno de *La La Land* além de querer nos mostrar os desejos e sonhos dos dois, é marcado pela frustração nas repetidas tentativas de obter sucesso ou sequer a garantia de uma chance para expor seus talentos dentro da indústria. Porém, como podemos observar, esse segundo inverno, idealizado por Mia, apesar de frio e melancólico, pode esconder um amor correspondido, uma vida cheia de cor e um destino sem frustrações profissionais.

A primavera e o verão são muito semelhantes, pois é nítido como as cores vermelho, amarelo, roxo e lilás estão muito presentes e se complementam. Essas duas estações simbolizam as estações das flores, férias, diversão, por isso as cores mais vivas são as protagonistas nesses dois momentos. É justamente nessa fase que Mia e Sebastian

se permitem conhecer um ao outro deixando de lado as implicações. As cores e iluminação dessas estações são sempre vibrantes e chamam nossa atenção, o que podemos entender como a fase de encanto e paixão que um passa a sentir pelo outro. E na perspectiva do imaginário de Mia, eles se encontram numa relação sólida em que fortalecem seu relacionamento focando no futuro. Momentos estes que são mostrados por transições, apontando a construção de novos cenários e novas cores, uma *mise-en-scène* equilibrada com a proposta.

Por fim, analisamos o outono, que tem a característica muito forte por ser o início da temporada um pouco mais fria do ano, e queda das folhas e é justamente nessa estação que o relacionamento dos nossos protagonistas sofre uma queda. Nesse sentido, é no outono, onde mais do que nunca, fica visível para o espectador que tanto no âmbito emocional, quanto no profissional, as peças não se encaixam mais tão perfeitamente quanto outrora. Entretanto, é nesse momento, na imaginação de Mia, que percebemos a ascensão deles, tanto em conjunto como um casal, quanto individualmente em seus destinos profissionais. Apesar dessa cena inteira ser imaginação dela, é aqui que o sonho realmente tem seu início, pois descreve uma fase da vida deles que eles de fato nunca chegaram a viver. As demais estações, nesse cenário imaginativo, realmente foram melhores descritas, mas elas de alguma forma existiram anos antes. No entanto, a partir do momento que eles chegam no outono, não existe mais nem a remota possibilidade de que o espectador pense que poderia ser real tudo aquilo. Pois eles não são mais um casal, desse ponto em diante tudo é realmente apenas suposições e não passa de grande um sonho.

As rimas visuais e o ritmo

A montagem da sequência final de *La La Land* conta com a presença das rimas visuais, que têm o papel na linguagem cinematográfica de intensificar as temáticas abordadas no filme em função da retomada de elementos de cenas passadas e introduzindo-as em cenas atuais. Isto é, quando um take possui semelhanças com outro take que nos foi apresentado anteriormente, seja através da semelhança entre cenários, ação do personagem e até mesmo a planificação. Desse modo, Bordwell e Thompson (2013) dizem que as rimas visuais consistem em algum objeto, cena ou gesto que se revelam recorrentes na obra, podendo ganhar diferentes interpretações na análise

cinematográfica. No entanto as rimas visuais não são utilizadas de uma forma solta, no geral elas sempre possuem uma finalidade específica a depender do autor da obra.

Assim, essas rimas começaram a ser desenvolvidas durante a trajetória do filme e trazem um comparativo entre cenas reais e a distinção temporal que acontece na cabeça de Mia. Porém, apesar de termos uma montagem de som muito parecida, já que Sebastian toca a mesma música em ambos momentos, a construção dos takes conta com diferenças em sua montagem. Então, a construção da montagem na distinção temporal tem um ritmo mais rápido, contando com mais planos e contraplanos, *dolly in* e *out* muito mais rápidos e trocas de takes muito maiores em comparação às cenas anteriores que contam com a realidade, intensificando a euforia do sonho, em que tudo está dando certo, e aproximando o espectador da fantasia.

Ao analisarmos toda essa sequência final do longa, notamos todos seus detalhes e levamos em consideração todos os recursos de montagem que foram escolhidos para compor os quase dez minutos. Mas em uma análise reduzida como esta devemos nos ater a questões principais e o que pode ser considerado mais coerente com a narrativa proposta por Chazelle. Por isso, um dos estilos de montagem, que foi escolhido para colaborar para uma mesclagem, que fizesse sentido com toda a proposta das rimas visuais e quebra de expectativa nessa sequência final, é a montagem por correspondência. E essa montagem segundo Amiel (2010) é uma montagem que a visão do artista pode legitimar sem que intervenha na racionalidade da demonstração ou a lógica de uma narrativa. “Correspondências são ecos formais valorizados pela montagem, mas cuja experiência não se esgota na sensação.” (Amiel, 2010, p. 80)

Dessa maneira, ao analisarmos o bloco 2 da sequência escolhida observamos as características que compõem esse estilo de montagem segundo Amiel (2010): 1) a descontinuidade na articulação dos planos; 2) ecos na relação entre os planos; 3) conexões aleatórias no princípio de junção; 4) sugestão no princípio de transmissão; 5) um mundo a perceber na representação do mundo e 6) colagem no procedimento estético dominante.

E para além da composição dessas rimas visuais, a montagem rítmica é muito presente nessa sequência, principalmente por se tratar de um filme musical e que nesse momento se utilizou do ritmo das músicas para marcar os movimentos, transições e ritmo dos cortes. Segundo Eisenstein (2002, p.81) a montagem rítmica consiste no movimento dentro do quadro que impulsiona o movimento da montagem de um quadro

a outro, ou seja, o fluxo de cada plano, desde os gestos dos personagens até a dinâmica da câmera, determina a duração e o ponto do corte de cada take. Um exemplo dessa técnica é no take que é focado em Sebastian no primeiro plano aplaudindo Mia acompanhando o ritmo da música extradiegética da cena.

Na cena final, os primeiros planos mantêm maior duração, permitindo ao espectador absorver a carga emocional do reencontro. À medida que a música “*City Of Stars*” retoma, a montagem passa a seguir o compasso da melodia, assim como ocorre ao longo da cena, mesmo com as diversas trocas de trilha. Essa sincronia entre som e imagem reforça a sensação de “dança visual”, que transporta o espectador para uma realidade paralela onde tudo está dando certo. Além disso, esse recurso rítmico também explora a percepção psicológica do tempo nos momentos em que há uma aceleração nos trechos mais fantasiosos, como no passeio ao pôr do sol, e desaceleração nas cenas em que a música é mais lenta e retorna à realidade.

Sendo assim, notamos que esses dois estilos de montagem que exemplificamos, presentes na sequência analisada, se complementam de forma coerente à proposta narrativa de todo filme, espelhando o arco emocional da narrativa: a esperança que se inicia através do recurso de *flash-forward*, seguida da euforia de uma trajetória idealizada por Mia e, por fim, a melancolia e tristeza do “e se” sendo interrompido com a volta à realidade.

Dessa forma, a junção da montagem por correspondência e da montagem rítmica não só encaixa os cortes no compasso da trilha sonora, mas também atua como um instrumento narrativo ao envolver o espectador numa imersão através da nostalgia ao relembrar o passado, com as rimas visuais condensando anos de história e sentimentos em poucos minutos, tornando o desfecho ao mesmo tempo poético e doloroso.

Considerações finais

Em *La la land*: Cantando Estações, Chazelle buscou exprimir com sensibilidade os obstáculos na trajetória de dois aspirantes a artista e de como eles precisavam ser persistentes para realização de um sonho, o que tornou a temática relevante dentro do gênero musical. Além de reforçar todos esses ideais por meio de toda mágica cinematográfica que era possível usando dos artifícios da mise-en-scene e montagem.

A *mise-en-scene* dessa cena é marcante ao trabalhar a dramaticidade, o ilusório e a esperança por meio de seus quatro artifícios: 1) cenário; 2) iluminação; 3) figurino; 4)

encenação. Sua direção de arte é rica por mesclar todos os pontos de forma harmônica, que induz o espectador a sentir o mesmo que os personagens, se tornando parte da narrativa. A paleta de cores brinca com os tons relacionados a cada estação, destacando símbolos muito importantes para o entendimento de quem são os personagens e do que eles significam um para o outro.

Observamos, então, que a sequência analisada é caracterizada por uma montagem que coordena e contribui para acentuar o contexto dos takes e ações dos personagens, emocionando o espectador, reforçando todos os quatro pontos da mise-en-scene. Para além de representar a beleza da estética do filme, a montagem também é capaz de evidenciar a genialidade dos responsáveis pela obra, ou seja, a beleza criativa da mente humana ao colocar em prática todas essas técnicas de maneira coesa e fluida. Por se tratar da cena final do filme, analisamos takes que faziam referências diretas a outros momentos da narrativa, e isso só acentua ainda mais o fato de que a montagem é capaz de alterar a perspectiva que temos da produção.

Portanto, observamos que a sequência analisada é executada da melhor forma possível, atendendo aos artifícios de mise-en-scene que é sempre muito bem reforçada com o uso do excelente trabalho de montagem que conecta com o filme por completo. A profundidade das cenas é trabalhada para destacar os protagonistas e as camadas que são discutidas ao longo do filme. Dessa forma, fica evidente todo mérito e reconhecimento de *La La Land* - Cantando Estações por ser uma obra que equilibra de maneira grandiosa a relação da abordagem narrativa com os termos estéticos, podendo ser uma referência para futuros filmes desse gênero, e tema para demais estudos na área do audiovisual.

Referências

AMIEL, Vincent. **Estética da Montagem**. 1ª Edição, Maio de 2010. Edições Texto e Grafia, 2010.

AUMONT, J. **Dicionário Teórico e Crítico de Cinema**. Papirus Editora, 2003.

BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. **A arte do cinema: uma introdução**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

EISENSTEIN, Sergei. **A forma do Filme**. Ed. 2002. Rio de Janeiro, Sindicato Nacional dos Editores de Livro, 2002.

SILVA, João Marcos Cerbaro. **A Importância da Mise-en-scène na Construção da Narrativa: Uma Análise de La La Land (2016), de Damien Chazelle.** Trabalho de Conclusão de Curso, Publicidade e Propaganda, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 92 páginas. 2021.

VANOEY, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre análise fílmica.** São Paulo: Papyrus, 1992. p. 9-66. (Coleção Ofício de arte e forma).